

O JAGUNCINHO DE EUCLIDES

José Calasans

A expressão jaguncinho aparece, frequentemente, nos últimos dias da campanha de Canudos, em 1897. Jaguncinho é o menino-jagunço, quase sempre sem pai nem mãe, que os soldados iam encontrando, em grande número, à proporção que os casebres do arraial caíam em poder das forças sitiadas. As crianças estavam em péssima situação, feridas, esqueléticas, nuas, morrendo de fome. Era doloroso vê-las. Causava pena o estado de tantos inocentes, cujos pais, não raro, continuavam combatendo, certos de que os salvaria, no momento oportuno, o poder miraculoso de Antonio Conselheiro. Naquele terrível drama de incompreensão, quando os jagunços liquidavam os soldados e os militares atuavam com o mesmo impulso destruidor, o jaguncinho era o único ser humano a despertar sentimentos mais nobres no coração dos lutadores. Era preciso salvá-los de qualquer forma, inclusive, pensando no meio de fazê-los retornar ao convívio da sociedade. Generalizou-se, então, no meio dos combatentes republicanos, a ideia de amparar aquelas inocentes, vítimas da luta fratricida. A princípio, ficaram os oficiais e soldados das cercanias de Canudos com a humana tarefa do necessário amparo. Depois, aos civis das localidades próximas também foi cometida a mesma missão humanitária. Nem todos estiveram à altura da nobre incumbência. Muitas das meninas-jagunças foram defloradas por seus supostos protetores; muitas crianças passaram a viver como se fossem escravas nas casas que as abrigavam. Espíritos generosos e revoltados denunciaram, publicamente, as misérias de tais procedimentos. Bem que se devia escrever um ensaio ou um romance, fixando o drama de tantos jaguncinhos.

Entre as inúmeras pessoas que receberam seu jaguncinho, estava Euclides da Cunha, correspondente especial d'O Estado de São Paulo junto às forças que combatiam o arraial do Belo Monte. O fato, pelo que nos foi possível apurar, não vem mencionado pelos inúmeros biógrafos de Euclides da Cunha, alguns dos

quais seguros nas pesquisas e lúcidos nas interpretações da vida e obra do consagrado autor de *Os Sertões*.

Vamos procurar reconstituir, na base de documentos válidos, a história do jaguncinho entregue à proteção de Euclides da Cunha.

A primeira nota está na “Caderneta de Campo” do escritor, precioso inédito guardado no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, oferta do Dr. João Carlos Rodrigues, em 1919. Leem-se, na referida caderneta, anotações correspondentes ao dia 22 de setembro de 1897: “Noto com tristeza que o jaguncinho que me foi dado pelo general (Artur Oscar) continua doente e talvez não resista à viagem para Monte Santo”. Embora não haja anteriormente na “caderneta”, nenhuma referência ao dia da entrega do menino, admitimos que tal fato houvesse ocorrido a 21 de setembro, quando Euclides da Cunha registrou: “À 1 hora, o general Artur mandou-me chamar para a prosa, lá estava o cap. Salvador. Conversamos até a hora do jantar, jantei com ele e continuamos a palestra fora, sentados à porta da barraca em grupo a que se ligavam o Dr. Curió, Tupy, Guabiru e outros. Interrogamos um jaguncinho quase inanimado, vindo de Cocorobó”. Teria sido o menino de Cocorobó o jaguncinho de Euclides?

As apreensões do jornalista não se tornaram realidade. A criança doente venceu a jornada Canudos-Monte Santo e as demais etapas da viagem para São Paulo. Chegou à Paulicéia, em companhia do seu protetor, a 21 de outubro de 1897. É o que nos diz a Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro, em sua edição de 22 do citado mês e ano. “Na Estação do Norte, o dr. Euclides era esperado pela redação d’*O Estado* e por muitos amigos. Em companhia do dr. Euclides veio um jaguncinho de sete anos, que ficará sob a proteção do dr. Gabriel Prestes, diretor da Escola Normal. O jaguncinho não tem pai nem mãe, é muito vivo e narra com precisão admirável todos os episódios sangrentos dos últimos combates nos quais ele perdeu os pais”.

Não para, aí, a interessante história, que vai ganhar dimensão anos depois. Entregue aos cuidados do educador paulista Gabriel Prestes, o menino-jagunço, que adotou o sobrenome do seu orientador, passando a chamar-se Ludgero Prestes, conquistou o diploma de professor complementar, do que deu notícia a Euclides da Cunha, em carta datada de 3 de outubro de 1908. A resposta do autor de “Peru Versus Bolívia”, cujo autógrafo foi oferecido à Casa de Euclides da Cunha, em São José do Rio Pardo, em 1947, pelo então governador de São Paulo, dr. Adhemar de Barros, retrata a emoção do missivista ao tomar conhecimento do destino daquele pobre menino a quem ele encaminhara na vida, após o desfecho da sangrenta tragédia de Canudos. Merece transcrita, neste registro, a epístola de Euclides da Cunha: “Ludgero Prestes, recebi a sua prezada carta de 3 do corrente; li-a com surpresa indescritível, verdadeiramente encantado; e não poderei traduzir-te a minha comoção ao ver aparecer-me quase homem – e homem na mais digna significação da palavra – o pobre jaguncinho que me apareceu pela primeira vez há onze anos no final de uma batalha. Mas na mesma ocasião associei-te à recordação de um amigo a quem deves muito mais do que a mim. O que fiz foi, na verdade, muito pouco: – O trabalho material de livrar-te das mãos dos bárbaros e conduzir-te a São Paulo. A minha ação verdadeiramente única foi confiar-te a Gabriel Prestes. A ele, sim, deves a tua maior e incalculável gratidão. Quero que me estendas sempre a tua mão de amigo – mas a Gabriel Prestes deves dedicar, incondicionalmente, todo o teu coração. Ao lado da tua fotografia veio a tua carta e nesta vi refletir um espírito capaz de grande desenvolvimento. O modesto professor complementar de agora – iniciado, como foi, na vida, por um mestre daquele porte, há de subir mais alto. Mas ainda que isto não aconteça, a tua posição atual já é um triunfo. Continua, portanto, na trilha que te aponta um dos mais belos caracteres que conheço e sempre que puderes manda notícias tuas a quem também se preza de ser teu amigo muito afetuoso.

a) *Euclides da Cunha*

PS. – Moro na Rua Humaitá, 61, e não preciso dizer-te que ali tens, francamente aberta, uma casa, tão hospitaleira quanto a minha rude barraca de Canudos. Muitas saudades a Gabriel Prestes”.

Como conversa puxa conversa, aqui fica a pergunta: Qual teria sido, depois de 1908, o destino do jaguncinho que se fez professor primário em São Paulo? Quem, por outro lado, sabe de informações de jaguncinhos para nos fornecer?